

TEORIA DA RECEPÇÃO: REFLEXÕES SOBRE COMENTÁRIOS EM VÍDEO VOLTADO PARA PROFESSORES DE ARTE NO YOU TUBE

Gabriela Clemente de Oliveira¹ – UEMG

Resumo

A arte teve suas fronteiras ampliadas a partir das transformações tecnológicas, sua reprodutibilidade proporcionou uma mudança radical em seu próprio conceito apresentando novas formas de expressão, bem como novas possibilidades de acessos e usos. Através da internet uma considerável parcela da população mundial, que por diversas razões estão impedidas do contato físico com objetos artísticos, podem ter acesso a acervos de instituições nacionais e internacionais além de uma infinidade de conteúdos sobre arte. O acesso não está mais reduzido a museus ou galerias, tampouco está restrita a uma pequena parcela da população como aconteceu durante séculos ao longo da história. Qualquer pessoa que esteja incluída digitalmente tem a possibilidade de acesso ao universo da arte sem sair de casa, usando um computador ou telefone celular. Essa nova forma de acesso e participação ao universo da arte que artistas, professores e espectadores adquiriram em função da tecnologia, democratizou o acesso a produções artísticas, bem como fez surgir uma nova relação com o objeto artístico. Esse novo espaço de relação com a arte, em especial no que se refere ao aspecto da recepção promovida pelo espaço virtual é objeto de interesse desse artigo.

Palavras-Chave: Recepção. Arte Contemporânea. You tube.

Introdução

Pensar sobre arte na contemporaneidade² é pensar sobre a sua relação com o universo digital. Artistas, críticos, professores, espectadores em geral se encontram nesse ambiente virtual em diferentes espaços, plataformas, vídeos, blogs e outros. Pensar nos diversos caminhos que a produção e a recepção artística percorre na era digital é instigante, pois pode proporcionar novas compreensões sobre relações próprias a arte, clareando o entendimento sobre a mesma na contemporaneidade. Tal movimento de investigação sobre um contexto tão atual necessita, no entanto, de um apoio da história para que o refletir faça-se dentro da perspectiva dinâmica do registro e compreensão sobre um contexto.

¹ Mestranda em Artes PPG Artes - UEMG. Estudante de Artes Plásticas escola Guignard - UEMG. Formada em História pela PUC Minas. Professora de Arte e História no ensino fundamental II e médio. E-mail: gabriela.gabiarte@gmail.com

² Não entrarei na discussão sobre arte na contemporaneidade. Adotarei a compreensão desenvolvida no vídeo por considerar razoável o ponto de vista apresentado. O interesse no momento é a relação com a recepção.

Nessa perspectiva, pesquisar sobre a relação da arte com o espaço virtual se apresenta de maneira rica nas diversas possibilidades de encontro que essas possuem. Hoje, qualquer pessoa, que esteja incluída digitalmente, pode realizar uma série de ações artísticas e compartilhar com milhares de outras. Pessoas, que por diversas razões estão impedidas do contato físico com objetos artísticos, podem ter acesso aos acervos de instituições nacionais e internacionais, além de uma infinidade de conteúdos sobre arte através de sites como o You Tube, por exemplo. O acesso à arte não está mais reduzido aos museus e galerias, nem está restrito a uma pequena parcela da população como aconteceu durante séculos ao longo da história. Qualquer pessoa, incluída digitalmente, pode ter acesso ao universo da arte sem sair de casa, usando um computador ou o telefone celular.

You Tube

O You Tube é definido como o maior site de compartilhamento de vídeos da atualidade em que o usuário envia e assiste vídeos pela internet. You Tube pode ser traduzido como “você transmite ou canal feito por você” (SIGNIFICADO, 2017) e carrega bem a ideia do nome, um espaço onde o usuário pode interagir de forma gratuita compartilhando vídeos e fazendo comentários.

Ao pesquisar por arte contemporânea, o You Tube registrou um resultado relevante de 558.000 vídeos, ao pesquisar por contemporary art, ele disponibilizou 5.090.000 vídeos³. Nos dois casos foram relacionados vídeos de toda espécie, programas de humor, palestras, seminários, programas antigos de TV, séries sobre história da arte, vídeos com finalidades pedagógicas, enfim uma diversidade de produções sobre arte para diversas aplicações.

O You Tube hospeda uma imensa quantidade de filmes, documentários, videoclipes musicais e vídeos caseiros, além de transmissões ao vivo de eventos. A popularidade conseguida por alguns vídeos caseiros levam pessoas desconhecidas a se tornarem famosas, sendo consideradas “celebridades instantâneas”. (...) O site foi fundado em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim. A ideia de criar o site surgiu devido a dificuldade que existia na época para partilhar vídeos na internet. Juntos eles

³ Importante ponderar que os números que se encontram ao longo do texto, relativo a pesquisas no You Tube sobre arte contemporânea e contemporary art, bem como informações sobre visualizações, curtidas e dislike sobre o vídeo em questão são variáveis. A dinamicidade de compartilhamentos no You Tube altera constantemente os números apresentados nesse trabalho. Em relação ao vídeo enquanto estiver disponível no You Tube, também estará suscetível a alterações em seus números.

criaram um site simples que em pouco tempo conseguiu um enorme sucesso. Em 2006 foi comprado pela empresa Google, por 1.65 bilhões de dólares. (SIGNIFICADO, 2017).

O You Tube traz em si a ideia da produção e recepção, pois os usuários que antes recebiam conteúdos elaborados por emissoras de TV ganharam espaço para serem eles mesmos produtores de conteúdos, através de produção de vídeos caseiros ou profissionais, que posteriormente são disponibilizados na rede. Além do acesso ao conteúdo os usuários do You Tube também possuem a opção de comentar⁴ os vídeos compartilhados, emitindo opiniões e pontos de vista sobre o assunto em questão. O You Tube proporciona uma rica rede de relações em que qualquer um pode ser um produtor de conteúdo e, também, emitir comentários.

Como pensar então a relação da recepção em arte nesse espaço dinâmico que é o You Tube? Em especial o que podemos pensar sobre recepção em arte a partir dos comentários redigidos em vídeos sobre arte? Penso que os próprios dilemas postos em relação ao pensamento sobre arte na contemporaneidade se aproxima em relação a sua presença no espaço virtual. Interessada no lugar da recepção irei me dedicar a pensar sobre arte nos espaços virtuais, em especial no You Tube, a partir da análise de comentários sobre um vídeo voltado para professores sobre arte contemporânea.

A reproduzibilidade

Falar sobre os comentários do vídeo é antes de tudo dizer que estes são tecidos a partir de reproduções de obras de arte. A sociedade burguesa, no final do século XIX, desenvolveu tecnologias que revolucionaram a ideia de arte bem como a da própria sociedade através da fotografia e do cinema. A partir dessas duas expressões a cultura industrial proliferou em esfera global e com ela a ideia de que “há sempre algo para ser visto” (SCHWARTZ, 2004, P.411) e poderia acrescentar há sempre algo a ser comentado.

Outro evento promovido pela fotografia e pelo cinema foi a difusão das imagens em larga escala. Em um vídeo sobre arte que se assista pelo You Tube, conseguimos ter uma gama de referências sobre objetos artísticos. O vídeo enquanto veículo de difusão da imagem

⁴ Após aquisição pela empresa Google, os usuários precisam fazer registro do seu canal ao Google + para que possam redigir um comentário nos vídeos.

consegue ampliar a exposição de imagens a um público muito mais diversificado do que seria estando apenas em um museu. Essa maior expansão estimula a produção de comentários variados, no caso de vídeos no You Tube, que são tecidos a partir da recepção dessa reprodução. Ainda que distantes da materialidade da obra de arte, do original, a receptividade acontece a partir da sua reprodução, a “obra de arte reproduzida é cada vez mais a reprodução de uma obra de arte criada para ser reproduzida” (BENJAMIN, 1996, s.p.).

De acordo com Walther Benjamin, a reprodutibilidade fez com que a obra de arte saísse do seu estado parasitário, estático, repleta de referências teológicas e doutrinadoras. Uma vez perdida a preocupação com a autenticidade, o objeto artístico se liberta de seu aspecto mágico e altera a própria noção de arte. Qualquer um pode se relacionar com um objeto através da sua reprodução.

O vídeo: O que é Arte Contemporânea? O exemplo da Bienal 2014

Ao pesquisar no You Tube sobre arte contemporânea encontrei o vídeo “O que é Arte contemporânea? O exemplo da Bienal 2014”, produzido pelo canal Nova Escola. O vídeo de aproximadamente nove minutos foi publicado em 27 de novembro de 2014 e tem como objetivo realizar uma visita virtual, com professores de arte, pela Bienal de São Paulo, “onde educadores da Fundação Bienal explicam o que é arte contemporânea e a que devemos estar atentos ao falar sobre arte com os nossos alunos” (NOVA ESCOLA, 2014). Apesar do conteúdo do vídeo ser direcionado a professores de arte, ele possui linguagem de fácil assimilação sendo extensivo a qualquer pessoa que busque maiores informações sobre o assunto. O vídeo possui até o momento da pesquisa a marca de 24.277 visualizações, 254 curtidas, 21 dislike e quinze comentários.

Logo no início do vídeo a coordenadora geral do educativo da Fundação Bienal, Daniela Azevedo, chama atenção dos professores para uma possível dificuldade que os alunos possam apresentar ao se relacionarem com o objeto artístico contemporâneo, exatamente pelo fato de ser uma produção atual, do agora, uma produção que diz sobre a realidade e que, por isso, pode gerar certa insegurança no que se refere a sua compreensão. Em seguida, educadores de arte da Fundação Bienal tecem uma série de possíveis relações entre alguns

objetos selecionados na intenção de auxiliar o contato, primeiramente do professor com os objetos artísticos e, num momento posterior, dos próprios alunos ao fazerem a visita à Bienal.

O conteúdo do vídeo é, em si, os próprios questionamentos que se faz sobre a produção artística atual e a sua recepção. “Para aproximar os meus alunos, ou para me aproximar da Arte Contemporânea, eu preciso entender que ela está tratando do que eu já sei, do que eu vivo e faço todos os dias. Talvez isso facilite a minha compreensão”. (NOVA ESCOLA, 2014. 2’). Um vídeo curto e dinâmico, um pequeno passeio virtual pela Bienal de 2014 repleto de referências sobre arte contemporânea e que possui até o momento da pesquisa quinze comentários.

Os comentários

Logo abaixo do vídeo encontra-se o espaço para inserir comentários que, até o momento da escrita deste trabalho eram quinze. Diante desses comentários, uma série de questionamentos surgiu, abrindo possibilidades para diálogos com teorias da arte. Quem são as pessoas que redigiram os comentários sobre o vídeo? Alunos do ensino básico? Do ensino superior? Professores? Mediadores? A ausência de informações sobre a identificação dos comentaristas gera inquietude e possibilidades. Uma vez que o You Tube é uma plataforma aberta a qualquer pessoa, profissional ou não da área de arte, estes comentários trazem à tona discussões que passam pela teoria da recepção em arte. Os comentários podem ser entendidos, então, como rico material de análise para se pensar a teoria da recepção e sua relação com o espaço virtual.

De forma geral pode-se compreender como espectador todo aquele que, perante um objeto artístico, assume uma posição. Alunos, professores, artistas, críticos, pessoas das mais diversas áreas; qualquer pessoa que diante um objeto artístico ou de sua reprodução, assuma uma posição, pode ser considerada espectador. Essa visão encontra respaldo nas teorias de Rancière. “Ser espectador não é condição passiva que deveríamos converter em atividade. É nossa situação normal. Aprendemos e ensinamos, agimos e conhecemos também como espectadores” (RANCIÈRE, 2012, pág. 19).

Rancière em seu clássico texto o “Espectador Emancipado” estabelece uma reflexão entre o espectador e o objeto artístico⁵ a partir do estudo o “Mestre Ignorante” de Joseph Jacotot. Partindo do campo pedagógico Jacotot identifica que a relação entre o mestre e o aluno normalmente gera um embrutecimento. Esse embrutecimento acontece na medida em que o mestre detém o saber e o aluno ocupa o lugar do ignorante por não possuir aquele determinado conhecimento. Essa relação em que um sabe e o outro desconhece cria um abismo entre esses atores resultando numa hierarquia entre as inteligências.

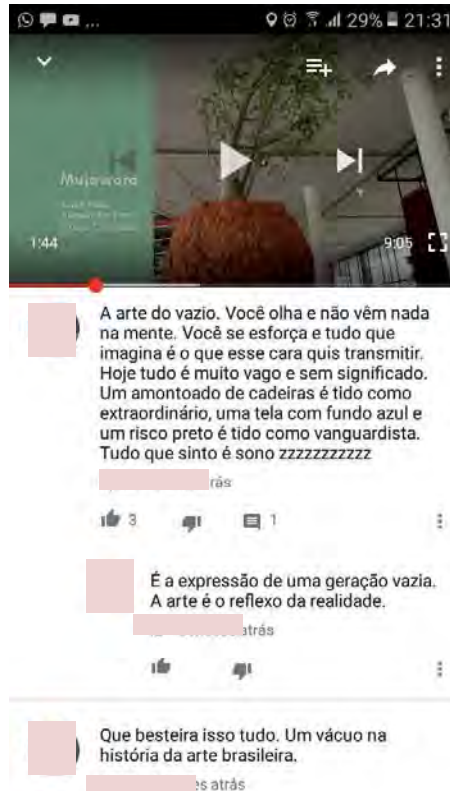
Ao longo do estudo Jacotot, em oposição ao modelo pedagógico que hierarquiza o saber, questiona a existência de duas inteligências, uma que sabe e a outra que desconhece, e considera que essa separação nada mais é do que uma forma de construir abismos entre os saberes e as pessoas. O que se conhece e o que se ignora pertencem à mesma inteligência e, nesse contexto, o papel atribuído ao mestre é o da eliminação: eliminar a distância entre o saber e a ignorância. Suas lições têm por finalidade reduzir progressivamente o abismo que os separam. Nessa relação, de transpor as distâncias existentes entre os saberes, é necessária tanto uma atitude do mestre quanto uma atitude do aluno, em que esse passa a querer saber o que desconhece e vai em busca daquilo que lhe falta. Ele assim o faz, pois entende que a ignorância não é um saber menor, mas parte do processo do vir a saber.

Nesse movimento o que acontece é a emancipação intelectual do aluno, aqui chamado de espectador por Rancière, o que gera uma igualdade entre as inteligências. Nesse contexto entram os comentários⁶.

⁵ Rancière se refere ao teatro para pensar o espectador, no entanto optei em utilizar o termo objeto artístico para ampliar as possibilidades de aplicação dos conceitos desenvolvidos pelo autor.

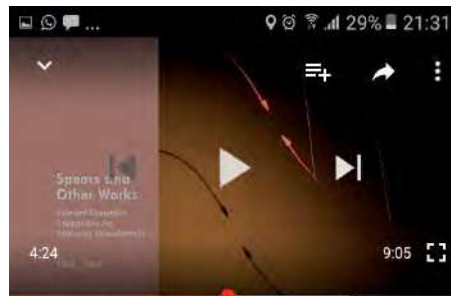
⁶ Nesse ponto abrem-se diversas possibilidades de indagações como, por exemplo, De fato todos que registram o comentário assistiram ao conteúdo do vídeo? Mesmo sem poder afirmar tal ação pode-se pressupor que de alguma forma estes tem ou tiveram contato com arte contemporânea e que baseados nesse contato redigiram suas opiniões

Fig. 1. Mujawara.
Snadi Hilal e Alessandro Petti. Grupo Contrafilé-2014.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=8-XltLNkOhs>.

Fig.2. Spears and Other Works
Edward Krasinski. Fotografias de Eustachy kossakowski. 1963-1965.



a ARTE contemporânea nos possibilita a formação de perguntas, e não de uma resposta pronta pelo objeto que ali está. pense, sair de uma exposição onde você tem vários questionamentos e muitas perguntas, nos leva a novas ideias, nos possibilitando de um deslocamento de tempo e olhar sobre o espaço o local, coisa que não se acontece na nossa vida comum, no nosso dia a dia. Não existe um receita de sentir a arte como muitos dizem, por que vai depender do repertório de cada um que ali se encontra neste local neste espaço. Um local expositivo ainda mais como a BIENAL é um local transitório de passagem uns vão ter relações diferente de outros e pra alguns nada acontece as obras sempre serão simplesmente um objeto, e pra outros a relação vai além de uma receita do artista, como a pergunta que não cala pra maioria dos visitantes (o que o artista quis dizer).

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=8-XltLNkOhs>.

A leitura dos comentários demonstra diferentes posições de espectadores diante do objeto artístico. Nos comentários da **Fig. 1** poderíamos dizer que não houve por parte dos espectadores uma identificação com os objetos artísticos expostos na Bienal de 2014. Uma ausência de sentido identificada por um espectador e, por outro, uma visão de que a produção artística contemporânea é vazia assim como a sociedade atual. Isso nos leva a pensar no que Rancière diz “a distância não é um mal por abolir, é a condição normal de toda comunicação” (RANCIÈRE, 2012, pág. 15).

Há uma distancia identificada a partir dos comentários da **Fig. 1**. No geral esses registros demonstram um estranhamento em relação ao que se assiste. Essa distância, no entanto, não necessariamente se apresenta como abismo, ela pode ser percebida como um

caminho natural no processo de aquisição do conhecimento. Assim como Daniela Azevedo, coordenadora geral do educativo da Fundação Bienal, ao propor que a interação do sujeito com o objeto artístico parta de referências próprias como meio de ampliação e possibilidades, Rancière estimula a preservação das distâncias que possam existir entre o sujeito e o objeto artístico entendendo-o como espaço fértil para o nascimento de novas compreensões.

A distância que o ignorante precisa transpor não é o abismo entre sua ignorância e o saber do mestre. É simplesmente o caminho que vai daquilo que ele já sabe àquilo que ele ainda ignora (...) Toda distância é uma distância factual, e cada ato intelectual é um caminho traçado entre uma ignorância e um saber, um caminho que abole incessantemente, com suas fronteiras, a fixidez e a hierarquia das posições”. (RANCIÈRE, 2012, pág. 15 e 16).

A partir dessa colocação, espectadores, artistas e professores podem cultivar uma disponibilidade em aproximar um do outro sem tentar eliminar as possíveis distâncias que possam existir nessa relação. Posições deterministas ou pontos de vistas conceituais definitivos impedem o fluxo próprio da comunicação. A passagem daquilo que não se sabe para aquilo que se sabe, necessita da distância para que uma nova rede de signos possa ser estabelecida e encaminhada no sentido de gerar aberturas diante um objeto artístico. Não cabe a ninguém exigir que o espectador ultrapasse de maneira violenta essa distância em relação ao objeto, forçando-o a uma compreensão a partir de expectativas construídas. Isso, lembrando Rancière, fere o princípio da igualdade das inteligências. Da mesma forma não cabe ao espectador abandonar a relação com o objeto artístico diante uma dificuldade ou estranhamento inicial. Assim como o mestre, através de suas lições, tem a possibilidade de encurtar as distâncias entre o saber e o não saber nos alunos, cabe ao espectador dar um passo rumo ao conhecimento perante um objeto artístico.

Da mesma forma que associações como bom ou mau, passivo e ativo, são “alegorias encarnadas da desigualdade” (RANCIÈRE, 2012, pág. 17) impor um ponto de vista na relação artística, seja do artista, seja do espectador, é ter um lado dominante violando o princípio da distância, espaço propício para o desenvolvimento de um novo ponto de vista ou conhecimento. O espectador age ao observar, selecionar, comparar e interpretar. A capacidade de estabelecer relações entre aquilo que se vê com o que já se viu também é ação primordial ao espectador.

Em relação às pessoas que escreveram comentários sobre o vídeo em questão, podemos pensar que esses usuários do You Tube correspondem às relações que normalmente professores e mediadores encontram em sala de aula e em museus na abordagem da arte contemporânea. Não é difícil, durante uma aula sobre um artista contemporâneo ou visita a uma exposição de arte contemporânea, encontrar espectadores que assumam posturas parecidas aos comentários da **Fig. 1**. Essas reações acontecem e exige do professor e do mediador uma atitude consciente, na medida em que uma distância é identificada. No entanto pouco pode o professor ou o mediador intervir em um espectador que não se conscientiza de que essas possíveis distâncias são na verdade fatores de aproximação mais do que distanciamentos.

Pensando dessa forma uma importante problemática se apresenta: Quem media as relações no que tange a produção e a recepção da obra de arte no ambiente virtual? Os administradores do You Tube não exercem um papel mediador em relação às discussões que acontecem nesse espaço, tão pouco contratam pessoal para exercer tal função. Desta forma o ambiente virtual se apresenta como um espaço mais livre para que os próprios usuários assumam essas funções, produzindo, recebendo e mediando os conteúdos.

Assim o comentário da **Fig. 2** é importante exemplo na demonstração de possibilidades de mediação entre usuários do site. Ele traz em seu texto um conteúdo que remete com muita proximidade aos conceitos apresentados por Rancière, na medida em que entende que as dúvidas e questionamentos que possam surgir perante a relação com um objeto artístico, abram possibilidades para que se saia de um lugar comum, onde novos pontos de vistas possam ser construídos a partir dessas inquietações. De maneira cuidadosa o comentário sugere outra posição que não a do afastamento perante o incômodo, ele de maneira sutil “responde” aos comentários da **Fig. 1** sem alimentar disputas ou pontos de vistas hierárquicos.

No momento em que o comentário da **Fig. 2** diz não haver uma receita de bolo ao se relacionar com a arte, ele traz à tona um fundamento da teoria da recepção, que é a relação possível a partir das experiências pessoais do espectador, no processo de inter-relações metafóricas rumo à proximidade com o objeto artístico. Outro apontamento de igual destaque é quando afirma o caráter transitório, passageiro, da Bienal, na qual uma grande quantidade de

pessoas passa por esses objetos e produzem diversas posições que, em grande maioria, não são conhecidas ou compartilhadas com outros espectadores resultando numa experiência mais íntima que nem sempre é amadurecida. Essa relação com o transitório, com o passageiro, colocado pelo comentário da **Fig. 2**, de certa forma também caracteriza o You Tube, pois podemos pensar que os usuários que redigiram os quinze comentários no vídeo não necessariamente retornarão a esse lugar para acompanhar o desenvolvimento da discussão. O seu andamento pode muitas vezes acontecer através de outros usuários que chegam e decidem dar andamento as discussões anteriormente levantadas.

Considerações finais

Barthes também é um autor que reforça a importância do espectador na relação artística. Ao dizer sobre a morte do autor ele localiza o espectador como sujeito ativo “O nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do autor” (BARTHES, 2004, s.p.). A arte é criada num espaço múltiplo, onde “as escritas” se misturam e não apenas observam passivamente as ideologias ou concepções únicas de um autor. Criar é um ato meditativo onde o gesto da ação na materialidade não surge de uma fonte única, original, mas se constrói permanentemente na relação da sua própria linguagem, que é a criação múltipla. A força vem da criação artística e não do autor. O objeto artístico não se encerra no artista, ele se alimenta na sua exposição e interação com o espectador que também se faz sujeito ativo e criador do objeto.

O vídeo “O que é Arte contemporânea? O exemplo da Bienal 2014”, ao convidar o espectador para uma “visita virtual”, ressalta a importância das contribuições que só o espectador pode conferir a um objeto artístico. Os espaços para comentários, disponibilizados pelo You Tube, constitui-se importante ferramenta de expressão diante do conteúdo do vídeo, pois permitem que diálogos aconteçam através de outros comentários, concordando, discordando ou realizando novas ponderações frente aquilo a que se assiste. Esses comentários se constituem como verdadeiras fontes de pesquisa uma vez que demonstram pontos de vistas tecidos pelas mais variadas experiências de vida, e nas quais todas se fazem relevantes, no entendimento de serem pontos de vistas únicos desses sujeitos. Não nos cabe avaliarmos de forma definitiva se objeto artístico é ruim ou bom, interessa mais o exercício do

pensar sobre aquilo que se tem contato, fazer associações com o rico repertório de vida que cada um possui tentando, de alguma maneira, se aproximar daquele objeto ou daquele artista, mais do que reforçar um afastamento num sentido individualista e dualista. Novamente, as distâncias que separam o espectador do objeto artístico devem ser encaradas como fator para uma possível aproximação e não isolamento.

A reprodutibilidade da obra proporcionou uma nova concepção sobre o próprio sentido de arte. Os novos espaços criados a partir dessa revolução tecnológica, como é o caso do You Tube, oferecem à relação artística uma democratização a seu acesso, possibilitando diversas manifestações de espectadores com diferentes referências cognitivas. O You Tube, assim como outros veículos de compartilhamento, é espaço legítimo que a arte ocupou. Ainda que muitos comentários se demonstrem críticos em relação à produção contemporânea, encontramos tantos outros que demonstram diálogos. Que as distâncias encontrem no ambiente virtual meios para promoverem aproximações.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A Morte do Autor**. In: O Rumor da Língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: _____.Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. 1ª ed., 10a. reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1996.

NOVA ESCOLA. **O que é Arte Contemporânea? O exemplo da bienal 2014**. [Vídeo]. Produção: Nova Escola. 2014. Vídeo educativo, 9'03". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8-XltLNkOhs>. Acesso em 15 de Fevereiro de 2017.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2012.

SIGNIFICADO. Significado de You Tube. **O que é You Tube?** Disponível em: <https://www.significados.com.br/youtube/>. Acesso em 04 de Julho de 2017.

SCHWARTZ, Vanessa R. **O espectador cinematográfico antes do aparato do cinema: o gosto do público pela realidade na Paris fim de século**. In: O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo: Cosac Naify, 2004.